Ano VIII — Leiria, 13 de Janeiro de 1930 — N.º 88

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

As bodas de diamante da proclamação do dogma da Imaculada Conceição

DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1854

Há precisamente setenta e cinco anos que Sua Santidade o Papa Pio IX, de saüdosa e venerada memória, falando a tôda a Cristandade, do alto da cátedra de S. Pedro, como Mestre supremo e infalível da Fé, proclamava, entre cânticos de triunfo e de esperança, o dogma da Imaculada Conceição.

Uma das verdades fundamentais da nossa Santa Religião, que faz parte do depósito sagrado da revelação cristã, é que o pecado original constitue uma verdadeira mancha inerente à alma humana que a torna digna de aversão do seu Criador, uma desordem que consiste na falta de harmonia das nossas faculdades entre si e sobretudo das nossas faculdades com Deus. E' um pecado, no sentido próprio da palavra, a-pesar-de não ser um efeito da nossa vontade.

Todos os filhos de Adão, formam com o seu primeiro progenitor um só e o mesmo corpo moral, de que Adão é a cabeça e êles são os membros. E assim os actos do primeiro homem eram imputáveis primeiro a Adão pessoalmente e depois à raça que dêle havia de descender.

Jesus Cristo, miraculosamente concebido por obra e graça do Divino Espírito Santo no seio puríssimo da Virgem Maria, foi naturalmente isento do pecado de origem. A sua santidade original, maior, incomparàvelmente maior do que a de Adão à saída das mãos do Criador, não derivou nem podia derivar do privilégio concedido a sua augusta Mãe.

À excepção de Jesus, todos os membros da família humana descenderam do primeiro homem por via de geração; todos hauriram, pois, juntamente com a vida do corpo, os seus títulos à morte da alma e por isso todos teem necessidade de redempção. Mas nem em todos a redenção se realizou do mesmo modo. Se, para o comum dos motrais, a redempção é a libertação da tara da culpa em que se incorreu, a purificação das máculas contraídas, a ruptura das cadeias insuportáveis forjadas pelo demónio, para a Santíssima Virgem ela é a isenção dessa tara, a santificação antes de tôda a mancha, a gloriosa liberdade dos filhos de Deus perante e contra todos os esforços da serpe infernal.

Por outras palavras, como definiu o imortal Pio IX, na qualidade de órgão autêntico da revelação divina:

«A Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por uma graça e um privilégio singular de Deus Onipotente, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, foi preservada de tôda a mancha do pecado original».

Imagem de Nossa Senhora de Fátima benzida pelo Santo Padre Pio XI e que se venera no Colégio Português, em Roma

Foi oferecida pelo escultor Sr. Tedim, de S. Mamede de Coronado, ao mesmo Colégio

E' esta a doutrina católica, conservada durante séculos na sociedade cristã como uma preciosa joia de família e finalmente imposta à crença de todos os fiéis, no dia 8 de Dezembro de 1854, como um dos dogmas, como uma das verdades irrefragáveis da Fé cristã.

A festa da Imaculada Conceição foi celebrada no Santuário da Cova da Iria com a solenidade que o tempo e as circunstâncias permitiam.

A população de Fátima acorreu em grande número, nesse dia jubiloso, a saüdar a Virgem Imaculada, dulcíssima Padroeira de Portugal, que foi o tabernáculo vivo de seu Divino Filho, Salvador do Género humano, e congratular-se com Ela por essa grande e singular prerogativa, por êsse dom incomparável que a coloca acima de tôdas as criaturas da terra e do Céu.

Festa de paz, de alegria e de felicidade, ela prega a todos o amor da pureza como condição necessária da amizade e da união com Deus, a quem só lograrão ver, por tôda a eternidade, nos esplendores imarcessíveis da glória, as almas que foram sempre puras e inocentes e os corações purificados pelo arrependimento e pela graça divina na piscina salutar do santo sacramento da Penitência.

As cerimónias religiosas

Os actos religiosos oficiais do dia treze de Dezembro na Cova da Iria revestiram a solenidade e imponência do costume. Ao meio-dia e um quarto, hora legal, efectuou-se a primeira procissão, em que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida, aos ombros dos servitas, da capela das aparições para a capela das missas. Terminado o emocionante cortejo e rezado o *Credo* em comum, principiou a missa dos doentes.

Durante a missa, o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, director-capelão geral das Associações de servitas, explicou aos fiéis as diferentes partes e cerimónias do santo sacrifício, recitando em voz alta, pausada e gravemente, as principais orações liturgicas.

Em seguida, feita a exposição solene do Santíssimo Sacramento, deu-se a bênção aos doentes e a todo o povo. Dada a bênção eucarística, o rev.do Carlos Antunes Pereira Gens, zeloso pároco de Ourém, subiu ao púlpito e falou demoradamente sô-

bre a pureza sem mancha da gloriosa Raínha do Céu. Por fim, realizou-se a segunda procissão, a procissão do adeus, começando então os fiéis a dispersar-se. A beleza excepcional do tempo e uma temperatura amena e quási tépida, verdadeiramente primaveril, a-pesar de estar próximo o coração do inverno, contribuiram para que o concurso de peregrinos neste mês fôsse superior ao do mês precedente e puzesse uma nota de vida e animação extraordinária naquele teatro perene de maravilhas divinas.

Uma paralítica curada

A pouco mais de dois quilómetros de distância, no relógio da tôrre da igreja paroquial de Fátima, acabavam de soar as duas horas da tarde.

Estavam concluídas as cerimónias religiosas oficiais comemorativas do dia treze. Os ecos derradeiros das aclamações à Virgem bemdita, que naquele rincão abençoado da terra portuguesa erguera o seu trono de amor e misericórdia, tinham-se já extinguido por completo. No recinto sagrado, viam-se apenas alguns grupos de fiéis retardatários rezando as últimas preces ou preparando-se para a viagem de regresso aos seus lares distantes. É então que na varanda do Albergue de Nossa Senhora do Rosário, recentemente inaugurado, se passa uma scena extraordinária e assaz comovente, na presença de alguns médicos e de numerosos servitas de ambos os sexos. Uma mulher, de meia idade, que se achava quási completamente paralítica, arrastando-se a custo apoiada em duas muletas, tinha-se sentido de repente completamente curada. Dispensando o auxílio das muletas, d'oravante inúteis para ela, dirige-se para o Albergue, caminhando com passo firme e com o maior desembaraço e fazendo os movimentos dos membros inferiores nas condições normais. A alegria da boa mulher é indescriptível, como indescriptível é o contraste entre a serenidade imperturbável dos médicos que, para se pronunciarem definitivamente, aguardam a indispensável contraprova do tempo, e o entusiasmo delirante da multidão que se aglomera em volta da privilegiada do Céu nesse dia, dando glória a Deus e bendizendo a Virgem Santíssima por mais êsse testemunho assombroso da sua onipotência suplicante, por mais essa prova tão sugestiva e tão comovente da sua bondade e do seu amor maternal.

Fátima nos Açores

Da interessante carta dum zeloso sacerdote dos Açores, muito devoto de Nossa Senhora de Fátima, o rev.do Edgard Benedito de Lima Castelo Branco, que fez parte dos seus estudos eclesiásticos no continente, dirigida a um dos seus antigos professores, transcreve-se o seguinte trecho, que convém arquivar nas páginas dêste mensário: «Se não fôra o eu ter de embarcar a 8 do p. p. mês de Agosto para os Açores, após uma pequena demora em Lisboa, certamente que teria ido cumprimentar o meu antigo professor.

Ha cinco anos que sou sacerdote e que paroquio nesta Ilha de São Miguel.

Presentemente estou na Igreja de São Pedro de Ponta-Delgada.

Na Casa Fânzeres tenho uma Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima de 1,m50 de altura.

Antigo discípulo de V., não podia esquecer-me do entusiasmo e fervor com que V. nos lia os primeiros relatos dos videntes.

Por isso esta Imagem é como que também uma Imagem que se distingue das demais.

Na cabeça tem um resplendor de prata com quinze estrêlas — os quinze mistérios do Rosário, e estas palavras em doirado: «Eu sou a Senhora do Rosário.»

Da nuvem emergem ramos de azinheira, como a que está na Paroquial da Fátima.

Na peanha tem uma caixa-gaveta, que será cheia de terra no local da Aparição, aonde a Imagem irá para ser benzida. Também na peanha ha um pequeno livro que será assinado pelos que contribuiram para o pagamento das despesas feitas com esta Imagem.

Do facto da bênção será passada certidão, onde se dirá a autenticidade da terra.

Espero, confiado no Sagrado Coração de Jesus, que V. admirará esta bela Imagem e que a Nossa Senhora pedirá a conversão do povo para onde vem — São Roque — que é arrabalde da cidade.»

Fátima em França

Não é sem lágrimas quentes de funda comoção a marejarem-lhe os olhos e a correrem-lhe em fio pelas faces e sem um frémito de inefável e intensa alegria a sacudir-lhe fortemente a alma que um português crente e patriota constata o facto admirável, assombroso, único, de, ao cabo de tão poucos anos, êsse recanto ignorado de Fátima, onde a excelsa Raínha do Céu pousou os seus pés virginais, ser objecto das atenções mais carinhosas e das esperanças mais belas e mais fagueiras do mundo inteiro. Pululam constantemente, nos países mais cultos e mais civilizados, os jornais, as revistas, os folhetos e livros que se ocupam com solicitude e disvêlo dos sucessos maravilhosos da Lourdes portuguesa.

Por tôda a parte se realizam festas solenes em honra da augusta Senhora Aparecida, desde a Europa à Asia e ao Novo-Mundo, desde a Itália ao Brasil, desde Portugal à China. Onde quere que haja portugueses, os corações palpitam de jubilo e estuam de entusiasmo quando se pronuncia o nome bemdito de Fátima e as almas vôam, em êxtases de amor e em transportes de gôzo, através dos continentes e dos oceanos, irresistívelmente atraídas pela poderosa corrente magnética espiritual que se polariza nesse lindo e privilegiado cantinho do Céu a que o povo chama singelamente «Cova da Iria».

No número da «Voz da Fátima» correspondente ao passado mês de Novembro, os leitores viram a larga referência que se fez ao magnífico livro «Fatima, das Portugiesische Lourdes», devido à pena abalisada do rev.do dr. Luís Fisher, lente da Universidale de Bamberg, na Baviera, que no dia treze de Maio findo veio expressamente da Alemanha a Fátima para assistir às incomparáveis manifestações de Fé e piedade dêsse dia inolvidável que ficará para sempre registado em letras de ouro nos fastos incomparáveis do grande Santuário Nacional de Maria Santíssima.

Agora é um jovem sacerdote português, culto e piedoso, filho espiritual do grande patriarca S. Domingos de Gusmão e distinto aluno da *Ecole Théolog que de Saint Maximin (Var), France*, que, depois de ter tratado, com um amor e um entusiasmo inexcedíveis, o árduo e complexo problema de Fátima, em números consecutivos da esplêndida *Revue du Rosaire*, orgão dos ilustres Padres Prégadores na pátria de S. Luís e de Joana d'Arc, reune os seus artigos refundidos e ampliados, numa primorosa e elegante brochura de grande formato sôbre a mais estupenda maravilha do século vinte, na scena do mundo conhecido, Esse livro, que tem por título «*Notre Dame du Rosaire de Fátima*», é ilustrado com dez magníficas gravuras de página e contêm vinte e seis capítulos, além do prefácio. As epígrafes dos capítulos são as seguintes: *As aparições — Primeira aparição — Segunda aparição — Terceira aparição — Quarta aparição — Quinta aparição — Interrogatório dos Videntes — Outros interrogatórios — O grande milagre: sexta aparição — Novos interrogatórios dos Videntes — Repercussão dos acontecimentos no país — Os Videntes — Morte do Francisco — Morte da Jacinta — Lúcia de Jesus religiosa — As grandes peregrinações.*

Bem haja o rev.do Fr. Maria Gonçalves, o apóstolo ardente e infatigável da devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que, dêsse centro do mundo intelectual que é a França, espalha em tôdas as nações, por intermédio da *Revue du Rosaire*, na sua secção *Chronique Mariale*, o conhecimento e o amor da gloriosa Aparição da Serra de Aire e a admiração e o assombro pelos acontecimentos portentosos que se teem desenrolado e continuam a desenrolar-se na estância misteriosa da Cova da Iria.

Fátima em Roma

Os alunos do Colégio Português em Roma continuam a dar provas inequívocas da sua devoção acrisolada a Nossa Senhora de Fátima. No dia 8 do corrente mês de dezembro realizou-se finalmente a inauguração da nova capela daquele prestimoso instituto de educação eclesiástica superior, sendo colocada sôbre o altar-mor a linda estátua da gloriosa Virgem das Aparições, feita de mármore das serras de Portugal, trabalhada por mãos portuguesas e em oficinas portuguesas.

Eis como o rev.do António José Ribeiro, piedoso presidente da Congregação Mariana daquela benemérita instituição — pequenina nesga da pátria encrustada no coração da Itália à sombra protectora da rocha Vaticana — descreve, numa carta dirigida a um dos vultos mais eminentes do alto clero português, essa festa encantadora e imponente que foi revestida duma emocionante beleza espiritual:

«...Venho falar dum acontecimento que encherá de santa alegria o coração de V. Ex.cia, tam devoto como é, de Nossa Senhora de Fátima. Veio-nos de Portugal a lindíssima Imagem que ofereceu ao Colégio o escultor Thedim e, depois de benzida pelo Santo Padre, lá a colocámos no seu pôsto a presidir aos destinos desta casa que fica sendo inteiramente sua. A Congregação Mariana do Colégio, de que sou indigno presidente, quís solenizar dignamente o dia 8 de Dezembro de 1929, que ficará gravado em letras de ouro na história dêste Colégio e do culto de Nossa Senhora de Fátima.

Lembrámo-nos de fazer uma Academia, com o maior esplendor possível, a que assistissem todos os portugueses residentes na Cidade Eterna e ainda muitos estranjeiros que entendem o português e se interessam pela Fátima.

De manhã tivemos Missa soleníssima, com que se inaugurou o culto da nova capela, e a Academia sempre se realizou às três horas da tarde, segundo o programa que envio a V. Ex.cia. Assistiu o Sr. Dr. Trindade Coelho e compareceu quási tôda a colónia portuguesa, bem como representações dos brasileiros, um bom número de alunos do Colégio Espanhol e até alguns lentes da Universidade Gregoriana.

A festa correu admiràvelmente deixando em todos as melhores impressões».

A «Voz da Fátima», humilde pregoeiro das glórias e das misericórdias de Maria Santíssima — «da bianca Regina di Fatima», rejubila com as solenes homenagens prestadas pelos jovens e piedosos alunos do Colégio Português à celeste Virgem das aparições e faz ardentes votos ao Céu para que, de regresso a Portugal, findas as suas lides escolares, cada um dêsses moços esperançosos seja um apóstolo indefesso e entusiasta das maravilhas da Augusta Mãe de Deus no santuário incomparável que Ela ergueu no próprio coração da Pátria para salvação e felicidade de seus filhos.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FÁTIMA

Cólicas hepáticas.

Em cumprimento da minha promessa e para maior glória da Santíssima Virgem, venho relatar o que comigo se vem passando há uns anos para cá; acontecimentos que muito devem interessar a todos aqueles que tenham recebido graças de Nossa Senhora de Fátima.

Servi quatro anos e meio em África por duas vezes em Angola; sendo três de campanha. Ali fui tratado de duas anemias profundas e uma febre biliosa, que me deixaram o organismo bastante depauperado. Sendo da primeira vez de 1908-1910 e da segunda de 1917-1919. Em 1918 comecei a sofrer de cólicas hepáticas com a continuação destas cólicas o coração começou a resentir-se bastante, devido às dores violentas das cólicas e dar-me bastante que pensar. O coração agora era o que mais me dava que sentir. Fui tratado por vários médicos desta cidade que nada me poderam fazer, pois a doença cada vez se agravava mais. Fiz dois tratamentos nas Termas do Gerez, que em nada me aliviaram os meus sofrimentos. Fui observado pelo Ex.mo Snr. Dr. Pinto Leite, no Porto; estive vinte dias em observação no hospital daquela cidade, onde fui julgado incapaz do serviço activo por o meu estado de saúde ser desesperado. Isto passava-se em Fevereiro de 1926, ano em que a minha crise foi mais aguda. Com o tratamento que me mandaram seguir em nada melhorava. Comecei a ter várias ameaças de síncopes cardíacas. O médico assistente chegou a preparar a minha família que se o coração continuasse assim, não se aguentava muitos dias. A minha família nunca desanimou, por ter fé em Nossa Senhora da Fátima. Nas suas orações e comunhões lá ia pedindo à Santíssima Virgem por mim. Em Maio de 1927 veio a esta cidade fazer a semana franciscana um missionário franciscano à qual a minha família me pediu para ir assistir, e eu respondia-lhe: como queres que eu vá se me não posso aguentar nas pernas, devido à minha grande fraquesa? E minha mulher sempre com o seu ar de bondade que a caracterisa, respondia-me: vai que te coloco lá uma cadeira onde possas estar sentado, e pede a Nossa Senhora de Fátima que Ela ha-de-te melhorar. As minhas crenças andavam bastante adormecidas, devido em parte à vida de quartel e aos respeitos humanos. Ali fui em tão boa hora que a Mãe do Céu ouviu-me nas minhas débeis preces. Não voltei a ter cólicas, e o coração começou a regular muito bem, deixei de ter as perturbações cardíacas, o organismo ia melhorando dia a dia. Fiz o propósito de ir a Fátima agradecer à Mãe do Céu se as minhas melhoras confirmassem esta tão grande graça. Efectivamente as melhoras teem-se mantido, e tanto assim que em Julho dêste ano lá fui a Fátima agradecer à Santíssima Virgem, pois só Ela é que me podia valer, ficando assim cumprida a minha promessa. E tão grandes tem sido as melhoras, que me considero quási curado. O ano passado fiz uma viagem de doze dias, sempre debaixo de neve e êste ano, como atrás fica dito, fui a Fátima nos dias de maior calor do ano e nada me fez mal. Estas minhas melhoras teem sido o assombro de tôda a gente da cidade, porque não havia ninguém que não soubesse do meu estado grave de saúde e agora veem-me como se nada tivesse tido. Desde 1927 que não tomo medicamentos e como de tudo. Hoje emprego o meu tempo a fazer bem aos pobrezinhos e à Santa Igreja. Desempenho os seguintes cargos gratuítos: Secretário da mêsa administrativa da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, secretário da comissão fabriqueira do Culto Católico da frèguezia de Santa Maria e secretário do Apostolado da Oração do Centro de Santa Maria.

Amadeu da Conceição Rôxo
Tenente de Infanteria

Aqui quero frizar bem êste ponto. A junta de saúde que me deu incapaz de serviço activo, não ligou a doença com o serviço de campanha e assim nesta conformidade foi-me aplicada a reforma ordinária com o vencimento mensal de 461$00 quando no activo tinha 1.250$00. Para um doente, muito principalmente do coração e com sete pessoas de família a seu cargo era para adoecer e não para melhorar se não fôsse a intervenção da Santíssima Virgem, pois que com a miséria em que o reformaram não podia viver, se não fôsse uma pessoa de família, que todos os meses o vai socorrendo, socorros estes que geralmente aparecem com o jornalsinho «*A Voz da Fátima*». Com êstes sofrimentos morais, se não fôsse a intervenção da Santíssima Virgem não melhorava. Tôda a gente da cidade diz quando eu passo, como é que F... melhorou, sendo tão doente como era? Pois viam-me passar sempre cabisbaixo e acabrunhado, o que já não acontece agora. Dizem, eles, com os sofrimentos morais que tem tido, era mais para adoecer do que para melhorar como lhe aconteceu. Melhorei, sim, porque tive a Santíssima Virgem por mim espalhando as suas graças. Ela quis honrar um pecador tão grande como eu o sou porque não me considero merecedor delas. Hoje é escusado dizer que sou um dos seus filhos mais dedicados que Ela tem em Bragança. Quando me dirigi a Ela foi com tanta fé e devoção, e hoje comungo quási todos os dias em agradecimento e reparação dos meus pecados. Abençoada doença, que embora me prejudicasse materialmente, fez-me muito bem espiritualmente, por me aproximar dos Santíssimos Sacramentos, de que tão esquecido andava.

Entre os varios atestados que existem no meu processo com que fui presente à junta de saúde e que podem ser consultados no Ministério da Guerra, onde devem estar arquivados, mando cópia de dois que se V. Ex.ª entender que devem ser publicados com esta fraca exposição, mas que é a expressão da verdade, pode publicá-los para honra do Culto de Nossa Senhora da Fátima.

Bragança, 19 de Dezembro de 1929.

Amadeu da Conceição Rôxo

ATESTADO

Alípio de Abreu, sub-delegado de saúde do concelho de Bragança. Atesto sob palavra de honra que o Ex.mo Snr. Tenente de Infantaria n.º 30, Amadeu da Conceição Rôxo, foi por mim observado em 1919, numa ocasião em que estava sofrendo de uma cólica hepática, notando, nesta ocasião, que, àlém do seu hepatismo, sofria do coração —hipertrofia do ventrículo esquerdo e arriteneis — de então para cá tenho-o diversas vezes tratado de freqüentes cólicas hepáticas, constatando também que o coração — perturbações — se não teem agravado, também não teem melhorado. Estou absolutamente convencido de que estas doenças as adquiriu durante a sua permanência em Africa. Por verdade e me ser pedido passo o presente que assino. Bragança, 11 de Março de 1926. (a) Alípio de Abreu. *(Segue o reconhecimento do notário).*

ATESTADO

Manuel de Jesus Fernandes Tôrres, Capitão-Médico. Atesto que o Snr. Tenente de Infantaria n.º 30, Amadeu da Conceição Rôxo, tem sido por mim tratado, desde que veio de Africa em Setembro de 1919, várais vezes de cólicas hepáticas, sendo a última vez em 19 de Fevereiro passado. Sofre, também aritanis, doença que o impede de qualquer esfôrço físico e moral. Durante a sua estada em Africa, desde 1908 a 1910 e 1917 a 1919, sofreu bastante de febres palustres, entre as quais uma febre biliosa em 1908. Começou a sofrer de cólicas hepáticas em 1918, durante a sua estada em Africa. A-pesar dos tratamentos feitos entre os quais dois nas Termas do Gerez, o seu estado tem-se agravado sempre. Por ser verdade e me ser pedido, passo o presente que assino e juro pelo meu grau de Doutor. Bragança, 19 de Março de 1926. (a) Manuel de Jesus Fernandes Tôrres, *Capitão-Médico. (Segue o reconhecimento do notário).*

Úlcera no estomago.

Maria da Costa Terra e Sousa, de Espozende, em carta de 13 de maio do ano passado diz-nos:

«Venho por êste meio pedir a V.ª Ex.ª o grande favor de publicar no seu jornalzinho o grande milagre que a Virgem do Rosário da Fátima me concedeu.

Sofria muito do estômago, sofrimento horroroso, quási dois anos vivi neste longo martírio; no dia 14 de Dezembro de 1927 deu-me um grande ataque, aonde deitei uma grande quantidade de sangue pela bôca e estava num estado tão grave que tive de dar entrada no Hospital de Espozende.

Assim neste estado preparei-me para morrer, no entanto sempre com uma grande fé na Virgem do Rosário da Fátima que me havia de curar, apesar de o meu médico assistente declarar que eu não tinha cura visto ter uma úlcera no estomago.

Comecei depois que dei entrada no Hospital, uma novena em honra da Virgem do Rosário da Fátima e bebia água de Nossa Senhora em jejum; logo que comecei a novena dali a 24 horas já não deitava sangue nenhum.

Estive em convalescença até ao dia 25 de Março dia em que saí do Hospital. Fiquei completamente boa graças a Nossa Senhora da Fátima.

Daí a 15 dias que saí do Hospital tive uma pleurisia e na convalescença tive mais uma intricolite de que tudo saí bem graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima a quem pedi a minha cura com grande fé.

Hoje encontro-me completamente bem, trabalho e dêsses sofrimentos nada sinto.

Durante a minha doença premeti se Nossa Sehora me curasse ir agradecer-lhe ao lugar bendito da Fátima e levar-lhe uma esmola pedida

Hoje pois, aqui venho agradecer-lhe tão grande milagre e entregar-lhe a quantia de 78$00 escudos que arranjei da esmola que pedi.

Peço pois para me publicar esta tão grande graça porque assim o prometi.

Agora digo à Virgem da Fátima uma e mil vezes obrigada que me curou pois que tenho um filhinho para criar e sou viúva sem ter auxílio de ninguém. Nunca Vos esquecerei, pois, minha Mãe Bendita.

Este caso vem confirmado por atestado da Snr.ª D. Cândida de Jesus Pereira, enfermeira do Hospital, dizendo ser gravíssimo o estado da doente.

Garrotilho e bronco-pneumonia.

António Maria Dias, de Oliveira—Arcos de Valdevez, em carta de 17 de outubro último, diz-nos:

«Tendo minha filha Olinda Alice, de dois anos de idade, com garrotilho e bronco-pneumonia, chamei o médico que quási a abandonou.

A doença indo de mal a peor, vi-a completamente perdida. Foi então que de joelhos pedi a Nossa Senhora de Fátima a vida de minha filhinha.

Sei que imediatamente fui ouvida; pois quando o médico chegou disse-me que estava salva.

Atribuo êste grande favor só à Santíssima Virgem do Rosário da Fátima, e assim tenho minha filhinha sã e com saúde perfeita.

Junto envio uma velinha da altura da pequena que, como pobre, só isso prometi acrescido de algumas comunhões».

Doença grave.

Vitória Sinde Cardoso, de Côja, informa o seguinte em 11 de Fevereiro último:

«Permita-me V. que eu venha hoje cumprir um dever sagrado, pedindo se digne publicar no nosso jornalzinho «*Voz de Fátima*» a seguinte notícia de uma cura que eu e outras pessoas consideramos uma grande graça.

Adoeceu minha mãe com uma doença, que desde logo foi considerada muito grave. Tendo consultado vários médicos, entre eles um dos mais distinctos clínicos do Pôrto, e havendo seguido à risca as suas prescripções durante alguns anos sem resultado algum, acabaram eles por declarar a doença incurável.

Estava inchada, sem poder alimentar-se por vomitar o que comia, e impossibilitada de qualquer trabalho. Encontrava-se desalentada, sem esperanças algumas, quando uma nossa amiga lhe lembrou uma novena em honra de Nossa Senhara de Fátima e lhe deu uma porção de água da Cova da Iria.

Fez-se a novena e experimentou algumas melhoras; mas estavam muito longe de serem uma cura completa. Comecei a assinar a Voz de Fátima e li nele a cura duma Senhora que tinha feito uma novena de terços, bebendo em cada dia daquela água milagrosa. Com uma fé, que até então não tinha ainda sentido tão vivamente, prostrei-me aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, pedi-lhe de lágrimas nos olhos a saúde de minha mãe, e comecei a novena de terços, não bebendo a água milagrosa por não a ter.

Passados dois dias começou a melhorar, e depois de concluida a novena sentiu-se muito bem, e continua na melhor disposição, entregue já à sua vida ordinária de trabalho de casa.

Para honra e glória de Nossa Senhora de Fátima pede a publicação desta notícia a mais humilde das Servas da Santíssima Virgem.

Meningite tuberculose.

Maria de Lourdes Parreira Blanc, de Lisboa, diz o seguinte:

«Foi em Junho de 1928, que o meu filhinho António Maria que então pouco mais tinha de 3 anos e meio, adoeceu gravemente.

Três dias depois, declarou-se-lhe uma *meningite tuberculosa,* confirmada pela análise feita ao líquido raquidiano.

O médico deu o pequeno por perdido. Nada havia a fazer.

Todos em casa ficaram desorientados e eu, como mãe, apesar de ignorar ainda a sentença do médico, adivinhava-a e estava inconsolável e sem forças para coisa alguma.

Na noite em que êle esteve peor e em que o médico dizia que devia entrar em convulsões, das quais já tinha prenúncios, lembrámo-nos de o entregar, como último recurso, a Nossa Senhora de Fátima; e uma grande amiga nossa, começou a dar-lhe colheres de Água de Nossa Senhora e poz-lhe sob a cabeceira uma Sua Imagem.

A criança que se conservava num grande estado de agitação, principiava de aí a pouco a serenar e assim se conservou mais 3 dias de dolorosa espectativa, continuando nós a dar-lhe a água e a pedir com muita fé a Nossa Senhora.

Resolveram, então, os médicos, fazer-lhe esgunda extração do líquido.

Fez-se a análise resultando *negativa.*

Cheios já de esperança na sua cura, iniciou-se então um tratamento e a 13 de Setembro, (três meses depois!) iamos com êle a Fátima agradecer a Nossa Senhora.

Ainda ficou por algum tempo com o bracito direito imovel e a face contraïda, mas hoje encontra-se *completamente curado.*

Só a um grande milagre de Nossa Senhora de Fátima atribuo o ter-se salvo o meu filhinho querido; e, conforme prometi, venho por êste meio, testemunhar-Lhe a minha eterna gratidão.

Que Nossa Senhora o defenda sempre, que o proteja, e que tome também sob a sua guarda os seus dois irmãozinhos, é o que de todo o meu coração e com a minha mais ardente fé, lhe rógo.»

Eczema.

José Laurentino Morgado, de Rochaforte, escreve em 26 de Outubro de 1928:

«Tanto eu como minha esposa, vimos agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima a cura do meu filho, pois que desde a tenra idade de 4 dias, quando lhe apareceu uma terrível doença que os médicos denominavam eczema, sofrimento que punha a pobre criança num estado grave, e para nós pais, muito desgôsto e muitas somas gastamos para ver se o encontravamos melhor com o auxílio dos médicos. Pois consultamos muitos e diferentes Drs., sendo os primeiros tratamentos receitados pelo Snr. Dr. Albino Valente especialista na Polyclinica no Largo de Camões, em Lisboa; e assim como também pelos nossos médicos de então, os Snrs. Alexandre Agrela já falecido, e pelo ainda presente Mário da Costa, ambos do meu Concelho do Cadaval.

Também consultámos, no Bombarral, o Snr. Dr. António Ferrari. Este mandou-lhe dar banhos que vieram dar algumas melhoras ao pequeno mas lá de quando em quando, ela lhe voltava que o deixava num estado de muito sofrimento. E assim se teem decorrido 11 anos sempre com o terrível mal.

No dia 13 de Maio dêste ano fui, minha espôsa e o pequeno pela primeira vez a Fátima e pedimos com muita fé à Nossa Mãe dos Aflitos e Raínha dos Céus, e ao nosso amado Jesus.

Graças à Santíssima Virgem, não voltou mais êste terrível sofrimento, e temos fé que meu filho está curado.

Peço a V.ª Rev.ma que mande publicar no nosso jornalzinho a *Voz de Fátima*, a cura do meu filho. Também tenho a honra de ser assinante e muito gosto de o ter e fazer sciente a mais alguém as Maravilhas de Fátima. Voltei no dia 13 de Outubro corrente a Fátima agradececer a N.ª S.ª a cura do meu filho. Espero e tenho fé na Mãe do Céu e na nossa Advogada, que me ha-de dar auxílio para voltar mais algumas vezes com minha família aquele Santuário bemditíssimo».

A excelência da Fé

«Aqueles que não teem Fé (fala o Santo Cura d'Ars) trazem a alma bem mais cega do que aqueles que não teem olhos...

Andamos neste mundo como que dentro dum nevoeiro, mas a Fé é o vento que dissipa êste nevoeiro e faz brilhar sôbre a nossa alma um lindo sol...

Deixemos falar os mundanos. Ai! Como haviam êles de ver? Estão cegos. Fizesse N. Senhor Jesus Cristo, hoje, todos os milagres que fez na Judeia que êles não acreditariam.

Quando nós dizemos: «Eu creio, ó meu Deus, eu creio firmemente, isto é, sem a menor dúvida, sem a menor hesitação... oh! se nos compenetrássemos bem destas palavras! eu creio firmemente que estais presente em tôda a parte, que Vós me vêdes, que estou diante dos Vossos olhos, que um dia eu mesmo Vos hei de ver claramente, que gosarei de todos os bens que me haveis prometido!... Eu espero que me recompensareis de tudo o que tiver feito para Vos agradar, porque Vos quero amar sempre!...»

Oh! como êste acto de Fé, que é também um acto de amor supriria tudo!...»

A comunhão de uma Santa

Santa Margarida Maria ardia num contínuo desejo de receber, como ela diz, «o Deus do seu coração e o Coração do seu Deus».

Logo desde criança êste amor intenso começou a dominar-lhe a alma toda. Oiçamos como se exprime:

«A grande alegria que eu tinha em deixar o mundo, era por pensar que havia de comungar a miudo. Lá fora só raramente mo permitam; e eu tinha-me pela mais feliz do mundo se pudesse ter a Comunhão freqùente e passar as noites, só, diante do Santíssimo Sacramento, onde me sentia numa tal segurança, que, embora eu fôsse muito medrosa, logo que me via neste lugar de delícias, já me não lembravam mêdos.

«Nas vésperas da Comunhão (diz a Santa) sentia-me abismada num tão profundo silêncio que não podia falar senão à fôrça, pela grandeza da acção que ia fazer. E depois de a ter feito, a minha vontade era não beber, nem comer, nem ver, nem falar: tanta consolação e paz eu sentia.

Escondia-me então quanto podia, para aprender a amar o meu soberano bem, que tanto me apertava para que lhe tornasse amor com amor».

Êste amor ardente devia, de certo, ir crescendo cada vez mais no claustro. E por isso dizia:

«Tenho um desejo tão grande da Sagrada Comunhão que, se fôsse necessário andar descalça por um caminho de brazas, parece-me que não me custaria nada em comparação do que sofreria com a privação dêste bem. Não há coisa nenhuma que me possa dar alegria sensível senão êste pão de amor. Depois de o receber fico como aniquilada diante do meu Deus, mas com alegria tão grande que algumas vezes, durante a acção de graças, todo o meu interior está num silêncio e respeito profundo, para ouvir a voz daquele que é todo o contentamento da minha alma».

«O meu soberano pôs na minha alma um tão grande desejo de O amar, que me parece se devia converter em chamas de amor tudo o que vejo, para que êste Senhor fôsse amado no Seu divino Sacramento.

E' para mim um martírio pensar que é tão pouco amado e que tantos corações se negam ao seu puro Amor e se esquecem dele e o desprezam.

Se, ao menos, eu O amasse, algum alívio teria o meu Coração: mas sou a mais ingrata e infiel de todas as criaturas, porque passo uma vida inteiramente sensual no amor de mim mesma».

O alicerce de tudo

«Meus filhos (dizia o Santo Cura d'Ars), não é coisa de pouca importância a palavra de Deus!

As primeiras palavras de Nosso Senhor a seus Apóstolos foram estas: «ide e ensinai...» para nos fazer ver que a instrução religiosa está antes de tudo.

O que é que nos faz conhecer a nossa Religião? Foram as instruções que ouvimos. O que é que nos dá o horror ao pecado,... nos faz apreciar a beleza da virtude,... nos inspira o desejo do Céu? As instruções.

O que é que faz conhecer aos pais e às mães os deveres que teem a cumprir para com seus filhos e aos filhos os deveres que teem a cumprir para com seus pais? O ensino da Religião.

Meus filhos, porque há tantos cegos e tantos ignorantes? Porque se não faz nenhum caso da palavra de Deus...

Com uma pessoa instruída podemos sempre contar. Pelo contrário, uma pessoa que não é instruida na sua Religião, é como um doente na agonia que já não tem conhecimento: Não conhece nem a grandeza do pecado nem a beleza da sua alma, nem o preço da virtude; arrasta-se de pecado em pecado.

Meus filhos, muitas vezes medito que a maior parte dos cristãos que se condenam, condenam-se por falta de instrução...»

Para mandar cantar um cego

Um livre pensador conversava com um seu amigo, em casa dêste, quando chegaram duas religiosas, que andavam pedindo esmola para um asilo.

O dono da casa, como de costume, foi generoso com elas; o que levou o ímpio a observar-lhe, com mal disfarçado sorriso escarninho:

«Por quanto te ficarão, na roda do ano, as vistias destas mulheres, que bem pode-

riam ter outro ofício, sem andar a pedir?

— Ora... Obra de 5 escudos por cada visita.

— E há quanto tempo sustentas êsse encargo?

— Tôda a vida assim tenho feito.

— Maluco! Se tivesses posto a juro êsse dinheiro, poderias hoje andar de automóvel.

— Então tu nunca dás nada para as obras religiosas?

— Eu?!... Nunca! Nem um centavo!

— Bem está... Não te esqueças, então de me convidar, quando saíres a passeio no automóvel que deves ter comprado, com as tuas economias...

O livre-pensador... embatucou. Porque, a-pesar-de não dar esmola nem às Irmãzinhas, nem a nenhuma obra católica, a verdade é que as suas economias não chegariam para mandar cantar um cego. Tôdas desapareceram por sumidoiros vários...

Um caso notavel

«Deu-se ha poucos dias um caso (é a *União*, do Rio de Janeiro, de 5 de dezembro que fala) tão sugestivo e curioso que julgamos dever publica-lo.

Uma jovem, negra, educada no Colégio da Imaculada Conceição das irmãs de caridade foi servir em casa de sua madrinha e protectora, como famula. Fez-se notar aí por um exemplar comportamento, piedade e constante bom humor. Todos os que conheceram a Teresa — assim se chamava ela — a estimavam. Vendo-a diàriamente, nós podemos atestar a benevolência com que, sempre alegre tratava a todos.

Infelizmente uma tuberculose galopante reclamou a retirada dela, e a sua internação no hospital de Cascadura, servido pelas irmãs de caridade.

Três dias antes da sua morte, indo visitá-la a madrinha, manifestou-lhe ela o ardente desejo de receber a *fita de filha de Maria*.

Nos poucos dias de sua estada ali já tinha merecido tanta simpatia de tôda a gente da casa e especialmente das santas irmãs que fácil foi de obter do Director espiritual essa graça. Ali, junto ao leito da paciente, reúniram-se com grande alegria as Filhas de Maria do hospital entoando cânticos assistindo à emocionante cerimónia. Nada fazia prever a morte próxima.

Dois dias depois véspera do falecimento, uma das companheiras de enfermaria referiu à irmã de Caridade um sonho que muito a impressionou.

Viu apróximar-se de seu leito Nossa Senhora dizendo-lhe:

—«Vim hoje buscar uma de minhas filhas».

— Serei eu? — respondeu a dormente.

—Não, — respondeu a visão — Vou buscar uma que está vestida de branco, com lírios no peito e brancas rosas nos pés.

—Aqui na enfermaria não há nenhuma assim — disse a menina adormecida.

—Vou vêr — disse Nossa Senhora, que imediatamente desapareceu.

Acordando a menina, contou, muito impressionada, o seu sonho à irmã. Na madrugada dessa noite expirava a boa Teresa. Avisada a madrinha, foi logo ao hospital acompanhada de uma amiga, levando lírios e a amiga levando rosas brancas; com essas flores enfeitaram a morta, exactamente como foi descrita no sonho, de que não tinham notícia alguma.

Comparecendo ao funeral com as Filhas de Maria, relatou a irmã de Caridade muito comovida o sonho da mennia. Esta ignorava até então a realização do seu sonho».

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	186.856$30
Papel, composição e impressão do n.º 87 (53.800 exemplares)	3.084$60
Franquias embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	926$50
	190.867$40

Subscrição

(Junho de 1928)

Enviaram dez escudos para terem direito a receber o jornal durante um ano: Emília Soares, Isaías Newton, P.e José Lourenço Pereira de Matos (15$00), Manuel dos Santos (15$00), Inácio António Marques, Teodolinda Maria do Nascimento Freitas, Joaquim da Silva Carvalho, Maria Alves Moreira dos Santos, José Braz (12$00), António Garcia Pulido de Almeida, Firmino Abrantes, Margarida da Costa Albuquerque, José Augusto Pires dos Santos, Maria Luísa de Sousa Rosado, P.e Joaquim Teixeira de Sousa, António Ferreira de Magalhães, Maximiana Teixeira da Rocha, Custódio Fernandes Soares de Pinho, Maria Emília Augusta de Brito, José Moreira Lopes (25$00), José António Monteiro, António Martins Pereira, Mavíldia de Freitas Mascarenhas Andrade, Maria Martins Proença (20$00), Virgínia da Conceição Almeida, Ofélia Raínha, Amélia Matos, Candida Tenreiro, Felicidade de Jesus Barros, Francisco Pereira, Josefa Rosa Moreira, Armanda Franco Bessone, Maria Augusta da Conceição, Justina de Sousa Oliveira, Maria Joaquina Aguas Cravo, Maria José Pontes, Maria Jovita Vila Verde Alves de Faria, Alfredo de Oliveira Serrão, Ilda Magalhães Varela, Leopoldina Lobato, Florentina Machado, Elmina da Cruz Côrte, Ana Maria de Frias, José Nunes Coelho (20$00), Joaquim Martins Soares Júnior, António Machado Guimarães, Joana Ferreira Magalhães, Gertrudes Rêgo Cordeiro, Manuel Antunes Mota, António Fernandes Lisboa, Elvira B. Vieira, Ana Carlota de Barros e Vasconcélos, Maria das Dores de Castro Lopes (20$00), Maria da Encarnação Barão, Antónia Vaz Pato, Emílio Cardoso, Alice Martins Mano, Baltazar Mexia de Matos, Guilhermina de Jesus Graça Rebola (15$00), Ana da Conceição Neves (75$50), Maria Augusta R. Cunha e Almeida, Brites Teles de Castro (15$00). Isabel Constança Mallen, Maria da Pideade Ribeiro da Costa, Angela de Sousa Pinto, Ana Rosa da Conceição, Amadeu da Conceição Rôxo, António Joaquim Ferreira, Francisco António da Costa Diniz, Maria Eusébio Caleiras, Beatriz Lopes de Almeida, Augusta Henriques Ferreira, Norberta da Conceição Ramos Monteiro Palma (20$00), Manuel Cabral Botelho, Isménia Leite Barbosa, Salvador Nunes de Oliveira (20$00), Joaquim Honorato (20$00), P.e Afonso Jacinto Soares Ferreira, Francisco de Freitas Capelo, Margarida Gomes de Sousa, Conceição da Purificação Fernandes, Luísa de Jesus Gonçalves, Manuel Francisco Escovar Canada, Ventura José de Campos, António Fragoso, Maria José Costeira, Conceição Marques Rodrigues, Olinda Aires Neves, P.e Martinho Pinto da Rocha, Domingos de Sousa Roriz, Maria de Azevedo Maia (14$00), Virgínia Menezes Martins, Ana Pires da Costa, Maria Alves dos Santos, Joana Augusta Henriques Nunes, Joaquim Francisco Veloso, João Ferreira Dias, António Simões Duarte, Joana Nobre, José Ferreira Caxaria, Rosa de Jesus Rodrigues dos Santos, Carolina Correia Viveiro Vieira, António Domingues Ferreira, António da Costa Milícias, Jacinto da Costa Milícias, Manuel da Costa Milícias.

Jornais avulsos e donativos vários:

Luciano de Almeida Monteiro, 285$00; de Ilhavo (Maria Fernandes), 115$00; na igreja da Candelaria (ilha do Pico), 60$00; P.e Augusto Durão Alves, 60$00; Maria do Carmo Pires, 7$50; Manuel Maia, 30$00; vários assinantes de Santo Tirso, 65$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 70$00; Emília Nunes da Rocha, 60$00; João Albino Custódio, 36$00; Albino Coelho de Sousa, 95$00; Alberto Julio Monat, 175$00; P.e Manuel Negreiros, 250$00; José Lopes Dias, 8$00; Internados do Asilo de S. José, de Braga, 31$00; Maria Matilde da Cunha Xavier, na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, 33$10; N. R., na igreja de S. Mamede, em Lisboa, 8$00.

AVISO

Esperamos que os nossos assinantes em dívida nos enviarão directamente em vale do correio ou carta registada a importância das suas assinaturas, mínimo de dez escudos por ano.

Muitos nos enviam generosamente quantias muito maiores e é por isso que temos podido distribuír gratuïtamente uma grande quantidade de jornais, chegando alguns meses a oitenta mil.

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio, não só por não haver pessoal para todo êsse serviço mas também porque supômos que todos os queridos assinantes da *Voz da Fátima*, levados pela sua grande devoção e amor a Nossa Senhora, são tão interessados como nós na difusão do jornalzinho, que (assim no-lo dizem e estamos inclinados a crer) tanto bem tem feito não só em Portugal mas por todo o mundo àlém.

— Há anos que mandamos rolos de jornais (são muitos milhares) a diversas pessoas que os desejam ditribuír e difundir a devoção a N. Senhora de Fátima. Desejamos saber se fazem a distribuïção e se continuam a fazer algum bem para, no caso contrário, interrompermos a remessa evitando despezas inúteis.

Fome e sêde dum lar calmo e seguro...

Alta, dois lindos olhos, 22 anos, pertencente a uma família de sérias e excelentes tradições, Cristina V. tinha vontade de se casar, o que, aliás, seria para ela um passo acertado.

É êste o seu desejo, tanto mais que no chalet visinho daquele onde moram seus pais, habita um joven e brilhante oficial de artilharia, que incontestàvelmente lhe presta uma certa atenção.

As raparigas não precisam de muito tempo para descobrir estas coisas. Encontravam-se na praia deram alguns passeios, dos quais mais duma vez voltaram juntos, conversando a respeito do mar, dos lindos efeitos da luz, dos pescadores, da pesca, etc., etc., conversas estas—devo dizê-lo — que não eram positivamente tôda a expressão daquilo que pensavam.

O pior é que setembro estava quási no fim. Os chalets iam-se fechando, uns após outras a família de Cristina deixava a praia no fim da semana e o capitão também partia brevemente.

Se daqui até lá qualquer coisa se decide, então adeus, acabou-se tudo. E porque será que ainda nada se disse nesse sentido?

Cristina analísa e torna a analisar êste problema na sua alma inquieta. O capitão é moço, alegre, muito activo. Quem sabe se essa rigidez da família dela, tão séria tão tradicional, tão cristã, o não assusta um pouco?

Até o próprio nome de Cristina, êle deve achar indigesto.

E se ela se resolvesse a mostrar-lhe que se enganava, se ela lhe provasse que também sabia ser divertida como as outras, se ela se fizesse um pouco mais moderna?...

Justamente, essa tarde, debaixo do toldo da praia ia haver um chá — o último, infelizmente — e o caiptão era um dos convidados. E Cristina, preocupada, revolvia as gavetas scismando: se eu fosse capitão de artilharia, qual seria a blusa.. qual o vestido... qual a écharpe?... O resultado dêste cogitar foi que Cristina foi para a praia, aparentemente muito despreocupada, mas na realidade não tendo descuidado nenhuma diligência para fazer o seu efeito.

—Meu amor disse-lhe a Mãe, com tôda a certeza vais-te constipar.

—Que ideia!... Não há perigo.

—E que exquisito penteado tu arranjaste! É bom mudá-lo.

—Faz bem à raíz dos cabelos...

—Os meus não precisam dêsses cuidados, observou o pai que era calvo como a palma da mão.

Daí a pouco chegou o capitão, todo êle de ponto em branco, mas, como vulgarmente se diz, parece aguardar os acontecimentos e deixa-se estar na espectativa.

Os acontecimentos favorecem-no, pois nessa tarde não é só na toilette que Cristina está sendo extraordinária. A sua conversa causa surpreza a muita gente.

Com a sua chícara de chá na mão, remexendo o assúcar devagarinho, o capitão ouve-a, responde-lhe, provoca-a, replica-lhe para de novo a tornar a provocar.

E Cristina vai de vento em popa, fala sem parar, diz tudo quanto lhe vem à cabeça, sem se importar com os ohs!... e os ahs!... escandalizados da mãe e das tias.

—Cristina, tu não estás a falar a sério.

—Ora essa, muito a sério.

E continua, declarando que não gosta nada do seu nome de Cristina, esse nome que, por devoção cristã, e para pôr a sua afilhada debaixo da portecção especial daquela grande santa, a sua madrinha lhe deu.

E depois — declara — quando voltar para a sua terra, quer viver a sua vida, quer ar, horizontes... quer vêr muitas muitas coisas para poder comparar e escolher.

—O' Cristina, se a irmã Superiora te ouvisse!

Mas Cristina está desenfreada: Ah, sim, a irmã Superiora, essa tolheu-a numa idade em que se não podia defender, mas agora entendia que já tinha ouvido sermões bastantes para chegarem para toda a sua vida. Estava farta de negruras, de meias-tintas; agora queria gozar, divertir-se, dansar, ir ao teatro... queria..

São tantas as coisas, que já se não sabe bem o que ela quer.

—Mas os teus doentes e o teu dispensário, o catecismo da tua frèguesia?

—Oh, o catecismo, esse acabou; estou farta. Enquanto ao dispensário, veremos.

A mãe fita-a, espantada, sem perceber o que foi que lhe deu.

Cristina continua, estonteante e estonteada, não fica por aqui.

O capitão que ingere a sua terceira chicara de chá, vai remexendo o assúcar, muito devagarinho...

* * *

E' de crêr que Cristina ultrapassára o seu fim; uma a uma, como olhos que se cerram, fecharam-se as janelas de vários chalets, chegou o fim da semana e a família de Cristina dirige-se para o comboio sem que nenhuma palavra séria se tivesse trocado sôbre o importante assunto.

No último momento Cristina teve um raio de esperança... O capitão chegava à estação! Mas esta esperança foi de curta duração O. oficial era uma pessoa educada, tinha sido recebido e por isso vinha dizer adeus e desejar uma boa viagem.

A máquina apita, os lenços agitam-se, mas não o de Cristina que precisa dêle para enchugar as lágrimas. Escondida, chora desoladamente sôbre uma felicidade que julgou tão próxima e que agora reputa tão longínqua.

* * *

E eu voltando para a praia com o rapaz, reputei-me bastante íntimo para lhe dizer:

— Capitão, tinha feito um sonho.

Êle parou e olhou para mim:

— Um sonho! Também eu fiz um.

— Cristina V.?

— Quem lhe disse!...

— Oh, advinhei eu... E daí?...

— E daí, tudo me agradava, tudo, o género de família, o meio, a rapariga. Ontem à noite estava resolvido a falar, quando de repente a senhora D. Cristina começa a expôr tais teorias, que à última hora recuei. Você compreende?... Venho da guerra, tenho fome e sêde dum lar calmo e seguro... Repito-lhe, tive medo...

— Você, capitão com medo!...

— *Que quere, onheço tantos camaradas irremediàvelmente desgraçados* ...

* * *

Quero esperar que a coisa ainda tenha concerto, mas acabo de escrever à rapariga uma destas sarabandas!...

... ...

O pecado de Judas

— Em que consiste?

— Em estimar mais o dinheiro que lhe ofereciam os Fariseus, do que a amizade de Jesus.

— Então, há hoje muitos Judas!!...

— Porquê?

— Porque há muitos que aceitam o dinheiro e os empregos que os Fariseus lhes grangeiam, com a condição de que atraiçoem a Jesus e a sua Religião.

— Não lhes invejo a sorte. Terão aquela que teve Judas.

«Se tens postas as tuas delícias em Deus, querida jovem, se amas o que é elevado, sobrenatural, tudo o que é vil te causará naúsea e tôdas as frechas ervadas de amor mundano se despontarão ao baterem no teu coração abroquelado com o amor de Deus.»

P. J. de Doss S. J.